

DOMINGO VI DA PÁSCOA

CIC 2746-2751: a oração de Jesus na última Ceia

- 2746** Ao chegar a sua «Hora», Jesus ora ao Pai¹. A sua oração, a mais longa que nos é transmitida pelo Evangelho, abraça toda a economia da criação e da salvação, bem como a sua morte e ressurreição. A oração da «Hora» de Jesus continua sempre sua, tal como a sua Páscoa, acontecida «uma vez por todas», continua presente na liturgia da sua Igreja.
- 2747** A tradição cristã chama-lhe, a justo título, a oração «sacerdotal» de Jesus. Ela é, de facto, a oração do nosso Sumo-Sacerdote, inseparável do seu sacrifício, da sua «passagem» (páscoa) deste mundo para o Pai, em que é inteiramente «consagrado» ao Pai².
- 2748** Nesta oração pascal, sacrificial, tudo está «recapitado» n'Ele³: Deus e o mundo, o Verbo e a carne, a vida eterna e o tempo, o amor que se entrega e o pecado que o atraiçoa, os discípulos presentes e os que n'Ele hão-de crer pela palavra deles, a humilhação e a glória. É a Oração da Unidade.
- 2749** Jesus cumpriu perfeitamente a obra do Pai e a sua oração, como o seu sacrifício estende-se até à consumação do tempo. A oração da «Hora» preenche os últimos tempos e leva-os à sua consumação. Jesus, o Filho a Quem o Pai tudo deu, entrega-Se todo ao Pai; e, ao mesmo tempo, exprime-Se com uma liberdade soberana⁴, segundo o poder que o Pai Lhe deu sobre toda a carne. O Filho, que Se fez Servo, é o Senhor, o *Pantocrátor*. O nosso Sumo-Sacerdote que ora por nós é também Aquele que em nós ora e o Deus que nos atende.
- 2750** É entrando no santo nome do Senhor Jesus que podemos acolher, desde dentro, a oração que Ele nos ensina: «Pai nosso!». A sua oração sacerdotal inspira, a partir de dentro, as grandes petições do Pai-nosso: a preocupação com o nome do Pai⁵, a paixão pelo seu Reino (a glória)⁶, o cumprimento da vontade do Pai, do seu desígnio de salvação⁷, e a libertação do mal⁸.
- 2751** Finalmente, é nesta oração que Jesus nos revela e nos dá o «conhecimento» indissociável do Pai e do Filho⁹, que é o próprio mistério da vida de oração.

¹ Cf. Jo 17.

² Cf. Jo 17, 11.13.19.

³ Cf. Ef 1, 10.

⁴ Cf. Jo 17, 11.13.19.24.

⁵ Cf. Jo 17, 6.11.12.26.

⁶ Cf. Jo 17, 1.5.10.22.23-26.

⁷ Cf. Jo 17, 2.4.6.9.11.12.24.

⁸ Cf. Jo 17, 15.

⁹ Cf. Jo 17, 3.6-10.25.

CIC 243, 388, 692, 729, 1433, 1848: o Espírito Santo, Advogado/Consolador

- 243** Antes da sua Páscoa, Jesus anuncia o envio de um «outro Paráclito» (Defensor), o Espírito Santo. Agindo desde a criação¹⁰ e tendo outrora «falado pelos profetas»¹¹, o Espírito Santo estará agora junto dos discípulos, e neles¹², para os ensinar¹³ e os guiar «para a verdade total» (Jo 16, 13). E, assim, o Espírito Santo é revelado como uma outra pessoa divina, em relação a Jesus e ao Pai.
- 388** Com o progresso da Revelação, vai-se esclarecendo também a realidade do pecado. Embora o povo de Deus do Antigo Testamento tenha abordado a dor da condição humana à luz da história da queda narrada no Génesis, não podia atingir o significado último dessa história, o qual só se manifesta à luz da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo¹⁴. É preciso conhecer Cristo como fonte da graça para reconhecer Adão como fonte do pecado. Foi o Espírito Paráclito, enviado por Cristo ressuscitado, que veio «confundir o mundo em matéria de pecado» (Jo 16, 8), revelando Aquele que é o seu redentor.
- 692** Jesus, ao anunciar e prometer a vinda do Espírito Santo, chama-Lhe o Παράκλητος, que, à letra, quer dizer: «aquele que é chamado para junto», *ad-vocatus* (Jo 14, 16. 26; 15, 26; 16, 7). Παράκλητος traduz-se habitualmente por «Consolador», sendo Jesus o primeiro consolador¹⁵. O próprio Senhor chama ao Espírito Santo «o Espírito da verdade»¹⁶.
- 729** Só quando chega a Hora em que vai ser glorificado, é que Jesus *promete* a vinda do Espírito Santo, pois a sua morte e ressurreição serão o cumprimento da promessa feita aos antepassados¹⁷. O Espírito da verdade, o outro Paráclito, será dado pelo Pai a pedido de Jesus; será enviado pelo Pai em nome de Jesus; Jesus O enviará de junto do Pai, porque do Pai procede. O Espírito Santo virá, nós O conheceremos, Ele ficará connosco para sempre, habitará connosco; há-de ensinar-nos tudo, há-de lembrar-nos tudo o que Cristo nos disse e dará testemunho d'Ele; conduzir-nos-á à verdade total e glorificará a Cristo. Quanto ao mundo, confundi-lo-á em matéria de pecado, de justiça e de julgamento.
- 1433** Depois da Páscoa, é o Espírito Santo que «confunde o mundo no tocante ao pecado», isto é, faz ver ao mundo o pecado de não ter acreditado n'Aquele que o Pai enviou¹⁸. Mas este mesmo Espírito, que desmascara o pecado, é o Consolador¹⁹ que dá ao coração do homem a graça do arrependimento e da conversão²⁰.

¹⁰ Cf. Gn 1, 2.

¹¹ Símbolo Niceno-Constantinopolitano: DS 150.

¹² Cf. Jo 14, 17.

¹³ Cf. Jo 14, 26.

¹⁴ Cf. Rm 5, 12-21.

¹⁵ Cf. 1 Jo 2, 1 (*paráklêton*).

¹⁶ Cf. Jo 16, 13.

¹⁷ Cf. Jo 14, 16-17.26; 15, 26; 16, 7-15; 17, 26.

¹⁸ Cf. Jo 16, 8-9.

¹⁹ Cf. Jo 15, 26.

²⁰ Cf. Act 2, 36-38; JOÃO PAULO II, Enc. *Dominum et vivificantem*, 27-48: AAS 78 (1986) 837-868.

1848 Como afirma São Paulo: «Onde abundou o pecado, superabundou a graça». Mas para realizar a sua obra, a graça tem de pôr a descoberto o pecado, para converter o nosso coração e nos obter «a justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor» (*Rm* 5, 20-21). Como um médico que examina a chaga antes de lhe aplicar o penso, Deus, pela sua Palavra e pelo seu Espírito, projecta uma luz viva sobre o pecado:

«A conversão *requer o reconhecimento do pecado*. Contém em si mesma o juízo interior da consciência. Pode ver-se nela a prova da acção do Espírito de verdade no mais íntimo do homem. Torna-se, ao mesmo tempo, o princípio dum novo dom da graça e do amor: “Recebei o Espírito Santo”. Assim, neste “convencer quanto ao pecado”, descobrimos *um duplo dom*: o dom da verdade da consciência e o dom da certeza da redenção. O Espírito da verdade é o Consolador»²¹.

CIC 1083, 2670-2672: invocar o Espírito Santo

1083 Compreende-se então a dupla dimensão da liturgia cristã, como resposta de fé e de amor às «bênçãos espirituais» com que o Pai nos gratifica. Por um lado, a Igreja, unida ao seu Senhor e «sob a acção do Espírito Santo»²², bendiz o Pai «pelo seu Dom inefável» (*2 Cor* 9, 15), mediante a adoração, o louvor e a acção de graças. Por outro lado, e até à consumação do desígnio de Deus, a Igreja não cessa de oferecer ao Pai «a oblação dos seus próprios dons» e de Lhe implorar que envie o Espírito Santo sobre esta oblação, sobre si própria, sobre os fiéis e sobre o mundo inteiro, a fim de que, pela comunhão na morte e ressurreição de Cristo-Sacerdote e pelo poder do Espírito, estas bênçãos divinas produzam frutos de vida, «para que seja enaltecida a glória da sua graça» (*Ef* 1, 6).

2670 «Ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor”, a não ser pela acção do Espírito Santo» (*1 Cor* 12, 3). Todas as vezes que começamos a orar a Jesus, é o Espírito Santo que, pela sua graça preveniente, nos atrai para o caminho da oração. Uma vez que Ele nos ensina a orar lembrando-nos Cristo, como orar-Lhe a Ele próprio? A Igreja convida-nos, pois, a implorar cada dia o Espírito Santo, especialmente no princípio e no fim de qualquer acto importante.

«Se o Espírito Santo não deve ser adorado, como é que Ele me diviniza pelo Baptismo? E se deve ser adorado, não há-de ser objecto dum culto particular?»²³.

2671 A forma tradicional de pedir o Espírito é invocar o Pai, por Cristo, nosso Senhor, para que nos dê o Espírito Consolador²⁴. Jesus insiste nesta petição em seu nome no próprio momento em que promete o dom do Espírito de verdade²⁵. Mas também é tradicional a oração mais simples e mais directa: «Vinde, Espírito Santo». Cada tradição litúrgica a desenvolveu em antífonas e hinos:

²¹ JOÃO PAULO II, Enc. *Dominum et vivificantem*, 31: AAS 78 (1986) 843.

²² Cf. *Lc* 10, 21.

²³ SÃO GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Oratio* 31 (theologica 5), 28: SC 250, 332 (PG 36, 165).

²⁴ Cf. *Lc* 11, 13.

²⁵ Cf. *Jo* 14, 17; 15, 26; 16, 13.

«Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor»²⁶.

«Rei celeste, Espírito consolador, Espírito da verdade, presente em toda a parte e tudo enchendo, tesouro de todo o bem e fonte da vida, vem, habita em nós, purifica-nos e salva-nos, Tu que és Bom!»²⁷.

2672 O Espírito Santo, cuja unção impregna todo o nosso ser, é o mestre interior da oração cristã. É o artífice da tradição viva da oração. Há, é certo, tantos caminhos na oração como orantes; mas é o mesmo Espírito que age em todos e com todos. É na comunhão do Espírito Santo que a oração cristã é oração na Igreja.

²⁶ *Solenidade de Pentecostes*, Antífona do «Magnificat» nas I Vésperas: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 2 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 798 [*Liturgia das Horas*, v. 2 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 930]; cf. *Solenidade de Pentecostes*, Sequência na Missa do dia: *Lectionarium*, v. 1, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970) p. 855-856 [*Leccionário Dominical. Ano A* (Coimbra, Gráfica de Coimbra – Conferência Episcopal Portuguesa, 1993) p. 238].

²⁷ *Ofício das Horas Bizantino, Vésperas no dia de Pentecostes*, *Sticherum 4: Pentêkostárion* (Rome 1884) p. 394.